



IGREJINHA DE COPACABANA

A IGREJINHA de Copacabana ficava situada no promontório onde está hoje o Forte de Copacabana, cuja pedra fundamental foi lançada a 6 de janeiro de 1908, sendo Presidente da República o Dr. Afonso Augusto Moreira Pena e Ministro da Guerra o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, para ser inaugurado a 28 de setembro de 1914, quando Chefe da Nação o próprio Marechal Hermes da Fonseca. A Igreja foi desapropriada pelo Decreto n.º 12.924, de 20 de março de 1918, pela quantia de 80 contos de réis, tendo sido demolida nesse mesmo ano. A imagem de Nossa Senhora de Copacabana foi, então, recolhida pela família Tefé à sua residência em Corrêas, Petrópolis.

O tempo apagou o nome do fundador e a data em que foi edificada a Igreja. Sabe-se, porém, que era antiquíssima. Já em 1732 o bispo frei Antônio de Guadalupe, estando a ermida em ruínas, ordenava consertos no telhado, paredes e alpendres. E, em 1746, ocorreu o seguinte fato:

Regressava o bispo frei Antônio do Destêrro de uma viagem a Angola, quando, à entrada da baía, o navio que o conduzia, colhido por forte tempestade, foi impellido até fora da barra. No momento do perigo, vendo de longe a Igrejinha, em destroços, o bispo implorou o amparo de Nossa Senhora de Copacabana, prometendo restaurá-la se o mar enfurecido não o tragasse. Salvou-se e cumpriu a promessa, reconstruindo o santuário.

Distante da cidade, sem meios fáceis de comunicação, jazia, porém, a velha ermida como que abandonada, frente à imensidão do oceano. Desabrigada para resistir ao embate dos ventos e das chuvas, ia a Igrejinha mais uma vez em decadência, quando sucedeu êste outro fato:

Em fins de agôsto de 1858, espalhou-se pela cidade o boato de terem dado à costa, na praia de Copacabana, duas imensas baleias. Todo mundo correu até lá, não faltando o próprio Imperador D. Pedro II. Durante três dias e três noites, houve verdadeira romaria de curiosos — uns a pé, outros a cavalo, outros em carroças, seges, carruagens, etc.

Segundo Vieira Fazenda, as cocheiras do Rio tiveram o seu São Miguel, não escapando siguer os magros burros carregadores de carvão!

Armaram-se na praia barracas de comes e bebes; acenderam-se fogueiras, ao clarão das quais todos dançaram e cantaram.

Quanto aos cetáceos, nada! Ninguém viu baleias, mas, em compensação, muita gente ficou conhecendo Copacabana. Verificado o mau estado da Igrejinha, foi ela novamente reconstruída, desta vez com esmolos dos fiéis.

No comêço dêste século — é Gastão Cruis quem conta — quando já se chegava mais fâcilmente a Copacabana, era muito do gôsto da nossa gente ir assistir à Missa do Galo na pitoresca Igrejinha, que se destacava muito branca sôbre o socalco rochoso constantemente batido pelas ondas. E dessa mesma gente, não poucos eram aquêles que, depois de ficar bem com Deus, iam beber e dançar no “Mère-Louise”, um restaurante-bar que, ali bem perto, funcionava dia e noite e, previdentemente, tinha uns aposentos para “descanso” dos casais que se sentissem afrontados pelo ar do mar...

A fotografia mostra a Igrejinha, em 1890. Havia então ali sete peças de artilharia, cinco grandes e duas pequenas, abandonadas e já quase soterradas pela areia. Eram do tempo do vice-rei D. Luiz de Almeida Portugal, Marquês do Lavradio (1769-1779), que estabelecera redutos em vários pontos da praia para opôr resistência a tropas inimigas que, conseguindo desembarcar na antiga Sacupenopan, procurassem atingir o centro da cidade.